

VERDADEIRAS AMIZADES... ALGO CADA VEZ MAIS RARO DE ENCONTRAR



“Tende cuidado cada um com o seu amigo e não confieis em nenhum irmão; porque todo irmão nada faz outra coisa senão enganar, e todo amigo anda caluniando. Cada um engana o seu amigo e ninguém fala a verdade...” (Jeremias 9.4-5a – Almeida Século 21)

A passagem bíblica acima expressa a dor que o profeta Jeremias sentiu por causa da falsidade do povo de Israel, que estava determinado a se manter na mentira. O texto também revela um sofrimento semelhante da parte de Deus. Uma grande variedade de

vocábulos é usada para comunicar a hipocrisia, a falsidade do povo (enganar, caluniar, proferir mentiras). Mentir havia se tornado um hábito (v. 5b), de modo que os israelitas eram incapazes de qualquer outra coisa; e não havia um relacionamento sequer entre o povo, a despeito dos laços mais íntimos, que pudesse ser caracterizado pela honestidade (v. 4-5).

A imagem que Israel refletia era exatamente oposta à de uma sociedade construída com base na aliança. Os propósitos de Deus tinham em vista um povo íntegro e que seria abençoado em sua própria integridade. Essa realidade é entendida por todos aqueles que vivem, mesmo nos dias de hoje, em sociedades excessivamente corruptas¹.

No texto bíblico em análise vemos a presença do verbo “enganar”, do hebraico **יַעֲבֹב** (*‘āqab*), que na realidade, se trata de um trocadilho em hebraico que utiliza o vocábulo como uma raiz verbal do substantivo próprio “Jacó”², do hebraico **יַעֲקֹב** (*Ya‘āqōb*) que significa “enganador”, “suplantador” ou “alguém que age astuciosamente”, de forma que a melhor tradução para a expressão seria “tão falso como Jacó”. Aos olhos do profeta Jeremias, todo israelita era um “Jacó”³, isto é, um enganador, uma pessoa falsa, mentirosa, que buscar tirar proveito para si – ainda que de forma ilícita – em todas as situações possíveis ou imaginárias.

No que tange os relacionamentos interpessoais, a realidade dos dias de Jeremias – apesar de caótica – de certo modo pode ser vista como algo ameno se comparado com a realidade presente em nossos dias

¹ CARSON, D. A., FRANCE, R. T., MOTYER, J. A., WENHAM, G. J.. *Comentário bíblico Vida Nova*. Vários tradutores. São Paulo: Vida Nova, 2009. 1029 p.

² **Jacó**. Neto de Abraão e filho de Isaque, Jacó foi um homem que tirou o direito de primogenitura do irmão e em seguida usurpou a bênção que pertencia a ele (cf. Gênesis 27.35-36).

³ RYRIE, Charles C.. *A Bíblia anotada: expandida*. Trad. Susana Klassen. Barueri: Mundo Cristão, 2007. 717 p.

– principalmente na vida daqueles que se dizem cristãos. O doce aroma de um bom relacionamento tem, ao longo do tempo, sido substituído pelo gosto amargo da desconfiança e da falta de reciprocidade. A falsidade e a traição são males que se mostram entranhados na vida da maioria das pessoas. Há muitos “Jacós” espalhados em nosso meio. Todos os dias nós corremos o risco de sermos sabotados, traídos, usurpados e enganados por gente que, até então, pensávamos que se tratava de pessoas que gostavam de nós, que se importavam conosco e valorizavam a amizade que fora desenvolvida ao longo do tempo.

O físico, matemático, filósofo moralista e teólogo francês, Blaise Pascal (1623–1662), certa vez afirmou que *“se todas as pessoas soubessem o que cada uma diz da outra, não haveria quatro amigos no mundo”*. A cada ano que se finda enquanto outro se inicia, a cada novo relacionamento interpessoal que usufruímos, temos cada vez mais convicção de que a afirmação de Pascal se constitui em uma verdade indelével. Verdadeiras amizades têm se tornado algo cada vez mais raro de se encontrar.

Fazemos parte de uma geração marcada por amizades “vampirescas”, isto é, relacionamentos nos quais uma das partes envolvidas na relação extrai, por meio de abuso, exploração, extorsão, egoísmo, toda a energia, a força, a riqueza da outra pessoa. E após sugar toda a vitalidade do seu semelhante, esses “vampiros” existenciais abandonam – à própria sorte – aquele que um dia foi chamado de “amigo”.

Nos últimos tempos quase sempre nos vemos cercados por indivíduos, cujo objetivo primário é debitar algo da vida alheia. São pessoas que estão sempre cobrando carinho, atenção, empatia etc., sem, contudo, retribuir de alguma forma, ainda que minimamente, os préstimos recebidos. Canso de me encontrar com pessoas que reclamam da ausência de telefonemas por parte dos amigos; no entanto, elas também dificilmente telefonam para alguém. E quando o fazem, na maioria absoluta das vezes, é somente para pedir alguma coisa, ou, então, comunicar uma tragédia ocorrida com algum conhecido. O pior é que, pessoas assim, ainda se julgam no direito de reivindicar para si o papel de “vítima do abandono alheio”, e não se dão conta de que elas estão no fundo de um poço cavado por elas mesmas.

O crítico literário e conferencista inglês John Churton Collins (1848–1908) costumava dizer que *“na prosperidade, nossos amigos nos conhecem; na adversidade, nós conhecemos nossos amigos”*. E ele estava coberto de razão. Nos dias atuais, o sentimento de admiração incondicional por alguém é tido como algo muito precioso e raro. É sabido que o autor de Provérbios ensinara que *“em todo o tempo ama o amigo”* (cf. Provérbios 17.17) e que *“o homem que tem muitos amigos pode congratular-se, e há amigo mais chegado do que um irmão”* (cf. Provérbios 18.24). Mas a decepção – que nutre a maioria dos relacionamentos interpessoais – às vezes parece ser capaz de transformar as palavras de Salomão em um exemplo de utopia lúdica. De forma alguma estou afirmando que amizades verdadeiras não existem mais. A minha intenção é despertar o leitor para o fato de que, a amizade sacrificial, sem egoísmo, está beirando a extinção, infelizmente.

Não raramente, amizades que perduravam por décadas, são simplesmente “apagadas da existência” quando uma das partes da relação não corresponde às expectativas geradas em torno dela. É incrível como as sementes de vida e sonhos, outrora lançadas no solo do relacionamento mútuo, deixam de produzir seus frutos na vida dos seus pares, simplesmente porque o “amigo” se sentiu traído ou decepcionado no intercurso do seu vínculo fraternal. O que mais me incomoda é saber que esses “aborteiros” relacionais, dificilmente se darão conta de que são eles quem tem excluído as pessoas do seu convívio e não o contrário. Há muita cobrança em torno do “receber” e pouca percepção da necessidade do “dar”.

As maiores frustrações que acometem os relacionamentos não se dão entre estranhos, mas entre aqueles que amamos e depositamos determinado grau de confiança. Essa é uma realidade presente principalmente nos ambientes eclesiais. Em seu livro *Manual do Ministério Pastoral*, o pastor João A. de Souza Filho, relata que ser traído por alguém que amamos é uma das piores coisas que alguém pode enfrentar. Segundo ele, por causa disso algumas pessoas muitas vezes têm que aprender a viver como a águia, isolada. No entanto o autor adverte que se nós vivermos desconfiando dos nossos amigos, nunca teremos amigos e nunca seremos felizes. Pastor João conclui seus argumentos sugerindo que façamos como o Senhor Jesus Cristo: confiemos em nossos amigos, mas estejamos cientes de que uma possível traição, no entanto, é o preço que pagamos, não apenas uma vez, mas muitas vezes na vida!⁴

Da minha parte, compartilho da opinião de certo pastor que afirmou preferir errar confiando, a não ter mais a coragem de confiar. Não é algo fácil de praticar. Tudo dependerá de quem nós somos no grupo no qual nos relacionamos. Ainda assim, teremos que ter uma paciência histórica e pedagógica. Não podemos simplesmente sair derrubando os móveis. Isto leva muito tempo. Pessoas não costumam ouvir crítica daquilo que tanto gostam de fazer.

Para nossa análise e reflexão introspectivas, termino citando uma profunda declaração do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare (1564–1616): “*Você diz que ama a chuva, mas você abre seu guarda-chuva quando chove. Você diz que ama o sol, mas você procura um ponto de sombra quando o sol brilha. Você diz que ama o vento, mas você fecha as janelas quando o vento sopra. É por isso que eu tenho medo. Você também diz que me ama!!!!*”.

Soli Deo Gloria.

⁴ SOUZA FILHO, João A. de. *Manual do ministério pastoral*. Belo Horizonte: Atos, 2001. 157-166 p.